

O segredo no monte.

Renné Lotoski



# O segredo no monte.

Renné Lotoski

Nova Friburgo, 2020

1ª edição



©2020 by Editora Fross.  
Edited and published by Editora Fross.  
Razão Social: Antonio Carlos Frossard ME  
CNPJ: 32406462/0001-08  
www.edfross.com  
Brasil, 2020.

**Todos os direitos reservados à Editora Fross.  
Proibido a reprodução, cópia, reedição e revenda sem  
consenso da Editora.**

Revisão: Regina Formagio  
Diagramação: Antonio Frossard  
Capa e imagens: Nay Lisboa  
Coordenação editorial: Vitória Andmore Alves da Silva

---

L883      LOTOSKI, Renné. O segredo no monte. Nova  
Friburgo, Editora Fross, 2020. 1ª edição, 240 pag.

ISBN: 9786500046823

1. Literatura juvenil, 2. Fantasia, 3. Drama,  
4. Aventura, 5. Distopia

---

## Agradecimento.

Se preciso agradecer e farei, devo agradecer à três pessoas, de certo modo. Primeiramente agradeço à Dayane, uma amiga excepcional, a primeira pessoa a me incentivar, apesar da falta de experiência que havia no início. A segunda pessoa a quem devo agradecer é Larissa, que se fez presente em diversos momentos e me apoiou quando cheguei perto de desistir, um ano depois, terminei o mesmo livro sob sua influência; nunca serei capaz de dizer quão grato sou por conhecer alguém como ela. A terceira pessoa não é menos importante, pois é você que comprou este que é mais do que um livro, é um sonho que tive há cinco anos atrás, um trabalho árduo e por isso, sou muito grato a você que o comprou, espero que lhe agrade tanto quanto a mim.



# Antigas ameaças

Tudo que nos espera, as decisões que tomaremos e suas consequências nos pertencem... Ou o contrário. Não seria diferente para Theron e Aedan ou Hael, seus caminhos os levariam aonde nunca imaginariam estar, fariam se tornar quem nunca sonharam ser; o mundo esperava ansiosamente para ver cumprirem seus papéis fielmente, como deveria ser. As páginas de suas histórias surpreenderiam se pudessem ser reveladas, vidas seriam salvas e conquistas perdidas. Além de seu alcance o destino é moldado, o jogo já começou e aqueles que o vêem estão preparados, que assim seja.

Após a queda do grande reino, os elfos vagaram sem lar, se vendo obrigados a fugir. Para protegerem-se neste momento de fragilidade, criaram um vilarejo, afastado dos olhos que os buscavam, mas pequeno comparado à sua antiga morada, uma simples estadia que nada se parecia com Athrils, onde até mesmo os poderosos reis curvavam-se diante de tamanho esplendor. Agora, os mesmos reis que os cercavam deram as costas para o pesar dos elfos.

Nas areias pálidas a figura de um elfo fitava o mar. Descansava sobre as pedras marcadas pela história e pelo desprezo, deviam ser os muros de Varith, um projeto abandonado anos atrás, agora nada mais eram do que um ponto alto para se ficar. O descanso foi interrompido por outro elfo que o chamava, com algumas reclamações desceu então do grande paralelepípedo rochoso de onde observava as ondas, seguindo para o encontro das árvores.

Afastados da praia, perto do vilarejo de Vharit, onde os elfos residiam após a fuga, já em meio às árvores, os irmãos Theron e Aedan corriam pelas bordas do bosque de Baldor, procurando por algum coelho ou algo que lhes pudesse soar interessante, pois aquele era uma dia especial para seu povo, o primeiro dia do ano; era o dia em que celebravam a dádiva de suas vidas, concedida no início do mundo pela deusa Diana, sua divindade mais importante. Em homenagem à ela, eles dançavam, faziam grandes banquetes e cantavam alegres por todo o dia. Aquele ano o

grande festival seria abalado por um incidente tão inesperado que marcaria a memória de muitos para sempre.

O caminho de Varith ao começo do bosque era tranquilo, poucos animais de grande porte chegavam tão perto, era o lugar perfeito para capturar coelhos e patos, o alvo principal para o banquete. Enquanto procurava esses animais, algo nas sombras daquele antigo bosque chamou a atenção de Theron, o mais novo dos irmãos julgou ter ouvido um barulho, como se alguma criatura os observasse, talvez esperando o melhor momento para atacar.

— Pressinto algo se movendo entre as árvores, nos seguindo, não deveríamos ficar aqui — disse Theron, num sussurro ao irmão.

— É apenas um animal, meu irmão, senão teria nos atacado muito antes que percebêssemos, só está esperando nossa saída para poder voltar onde estava — disse Aedan, sem dar atenção ao que preocupava Theron.

— Animais não espreitam nas sombras, como se esperassem uma oportunidade de fazer uma presa, pelo menos, não assim — respondeu Theron, indo em direção ao ruído cuidadosamente.

Seguiu em direção dos arbustos que davam origem às sombras de Baldor, até que, ao chegar perto demais, um ruído estridente surgiu e uma enorme criatura pálida com enormes garras pulou sobre ele, o derrubando no chão sem poder revidar, ao olhar imóvel para a criatura, pode ver seus grandes olhos escuros que pareciam devorá-lo, aquele teria sido seu fim, mas seu irmão, ao ver a criatura, quase humana, com dentes tão afiados quanto uma adaga, pegou rapidamente seu arco, disparando contra aquela fera assustadora, a primeira flecha atingiu seu peito, antes que pudesse reagir, uma segunda atravessou seu pescoço, os disparos foram precisos, pois assim que o atingiram, caiu ao chão. Após abater aquele monstro, Aedan foi rapidamente socorrer o irmão. Mesmo os elfos sendo mais resistentes que um homem, aquela fera era extremamente forte, o suficiente para quebrar o antebraço do jovem Theron em três partes, algo que nunca ocorrera anteriormente com nenhum da sua espécie, a não ser em grandes guerras.

— O que faremos agora? — perguntou Theron, apavorado e com muita dor.

— Eu... Eu não sei — respondeu Aedan, tentando pensar em alguma maneira de ajudar o irmão.

— Deveríamos voltar o mais rápido possível, se demorarmos todos vão se preocupar — disse Theron, se levantando com a ajuda de Aedan, que o apoiou.

— Mas o que faremos com ele? — voltou a perguntar.

— Ele é só um animal, deixe-o onde está — disse Aedan num tom de ódio e desprezo.

Theron era um jovem alto para um elfo da sua idade, assim como seu irmão, mas tinha cabelos escuros que iam quase até seus ombros. Já Aedan, tinha cabelos loiros como os da mãe, e olhos iguais aos do irmão, não castanhos, mas não chegavam a ser verdes, assim como os da mãe. Filhos de um elfo com uma simples humana, eram muito desvalorizados pelos elfos mais novos, porém os mais velhos recordavam da bravura de seu pai e não ousavam dizer nada a respeito.

Aedan carregou o irmão que se encontrava atordoado, temia que pudesse desmaiar se não recebesse amparo, depois de alguns minutos de caminhada, avistaram as luzes e ouviram o alvoroço, a festa estava para começar. Ao chegarem, a primeira a v-lo-s foi Hael, uma jovem elfa esbelta de cabelos loiros e um grande sorriso, correu para dar as boas vindas aos amigos, chegando perto ficou atônita após ver o estado do amigo, então ajudou Aedan a levar Theron até o ancião, ele poderia ajudar e seria o mais indicado para isso.

Entraram numa casa grande, onde, na entrada havia uma estátua de bronze com muitos adornos, uma mulher de aparência jovem, era a Deusa Diana. Uma imagem muito comum por todo o lugar, pois os elfos faziam muitas homenagens à ela. Depois de uma curta espera, Irraen, o elfo mais velho e ancião de seu povo, veio correndo ajudá-los. Deu ao jovem ferido um chá para reduzir a dor, em seguida imobilizou o seu braço, o que lhe causou grande desconforto. Não corria perigo apesar dos inúmeros ferimentos e

arranhões, mas precisava de alguns cuidados e descansar. Depois de levar o irmão para casa, Aedan e o ancião foram para fora, aproveitar o resto do dia e celebrar. Depois de descansar um pouco, ao acordar, Theron viu que não estava sozinho naquela sala escura, Hael, sua amiga, ainda estava ali.

— Você não deveria estar na festa com os outros? — perguntou Theron, esboçando um sorriso para a elfa.

— Alguém precisa cuidar de você, não é mesmo? — disse ela, antes de começar a rir.

— Como uma criatura pode fazer tamanho dano a um elfo? Como ele se parecia? — questionou Hael, quebrando o silêncio na sala.

— Aquilo me pegou desprevenido, enquanto eu tentava ver o que era, pulou sobre mim, sobre meu braço, seu peso fez a primeira fratura e suas garras a segunda, não sei o que era, mas era grande, maior que eu ou qualquer elfo que já vi, era muito forte, era muito pálido e tinha olhos tão negros que pareciam apenas um vazio, neles havia tanto ódio que eu podia sentir, era uma criatura muito sombria, ainda posso sentir aqueles olhos em mim — disse Theron, com um olhar triste.

Naquela noite Hael fez companhia todo o tempo, não quis deixar Theron sozinho, não só por se preocupar com ele, mas também porque gostava de estar perto, assim como ele. Olhou pela estreita janela, podia ver as luzes pequeninas, mas não ouvia nenhum canto ou música mais, havia uma pausa antes das próximas horas de festa. Sentou-se ao lado de Theron, olhando para ele tentando ver algo, talvez um sorriso ou a expressão de sempre, por trás daquele rosto levemente infeliz. O abraçou forte e cuidadosamente por estar machucado, entre muitas coisas, conversaram e riram como costumavam fazer quando estavam juntos, o começo de uma noite de fato especial.

Lá fora, Aedan observava a alegria contagiante dos elfos, mas havia uma preocupação em sua mente, que o impedia de se alegrar também. Mesmo ele estando ali, sua mente estava junto daquela criatura, tinha receio, pois poderia não ser apenas uma coincidência, e ataques poderiam acontecer novamente. Talvez

fosse cedo para tais pensamentos, um único animal atraído até a borda não era motivo para preocupação, mas os irmãos Delaneen eram cautelosos demais para ignorar essa possibilidade.

— Venha meu jovem, vamos festejar um pouco para esquecer as nossas preocupações — disse Irraen, com um sorriso para o Aedan.

— Não creio que posso, não hoje, mas aceito uma taça de vinho... Ou duas — disse Aedan mudando de ideia.

Seria uma grande tolice não aproveitar ao menos um pouco do dia mais alegre durante todo o ano, seu irmão estava seguro e seu povo espalhava alegria, ficou ali observando o dia da graça de Diana. Na primeira luz do dia, os elfos que ainda estavam festejando, aos poucos foram voltando para suas casas, restando apenas Aedan com sua taça em mãos. Ainda pensava no dia anterior, mas já não estava aflito, nesse momento um elfo chegou e comunicou que Irraen o aguardava para que se encontrassem em sua casa. Ao chegar, pôde ver o irmão e Hael ainda dormindo, mas não quis acordá-los, não havia necessidade e estava com pressa. Subiu as escadas e foi até a varanda, onde encontrou Irraen.

— Queria me ver? — ele disse cautelosamente, pois não queria parecer rude.

— Existem motivos para ataques como este acontecerem aqui, mas temos homens, grandes, guerreiros no limite das fronteiras deste bosque vigiando, impedindo criaturas e invasores de chegarem até nós... Ou deveriam estar — explicou Irraen, olhando em direção ao leste.

Algo acontecia além daquela velha floresta, ou algo deveria estar acontecendo, como poderia que criaturas tão perigosas chegassem tão longe sem serem avistadas pelos guardiões que deveriam impedir sua entrada? O mundo além da Baldor estava imerso em caos silencioso, pronto para ascender. O que poderiam fazer os elfos? Quem os protegeria? Talvez não fossem essas as perguntas que deveriam ser feitas, mas a resposta certa só seria revelada anos mais tarde, onde o passado se repetirá.

## O passado sempre retorna

Passaram alguns anos desde o ataque sofrido por Theron na extremidade do bosque. Entretanto as marcas do ataque, além das cicatrizes, ainda estavam vivas em sua mente. Nos seus sonhos, ou melhor dizendo, em seus pesadelos, ainda podia ver claramente como tudo ocorreu, a dor que sentiu parecia a mesma, assim como o terror momentâneo. Poucas lembranças eram tão vivas quanto esta.

Naquele dia nada excepcional, em seu desagradável pesadelo, ele apenas correu, mas não da criatura, talvez daquela lembrança sombria, talvez do lugar onde estava ou ainda de seu passado. Ao acordar, fitou seu braço, parecia diferente, as marcas ainda eram as mesmas, era algo a mais, como se sentisse que pudessem voltar a abrir, julgou ser efeito da dormência. Algumas experiências permanecem conosco para sempre e, quase sempre, são as piores. Após alguns minutos naquele estado, ao olhar em volta, percebeu que faltava algo, ou melhor dizendo, alguém. O irmão, Aedan, já não estava em sua cama, sem precisar se questionar, entre tantos lugares que poderia ir, sabia exatamente onde estava, também com quem estava.

Diferente do irmão, Aedan preferia água doce e monótona, então em um pequeno lago de água límpida, afastado de Varith, apreciava o dia em toda sua beleza, na companhia de Hael, obviamente. Os dois já estavam ali antes do dia raiar, pois gostavam de aproveitar o tempo juntos, como irmãos, ou quase. Sabiam que não poderiam ficar ali por muito mais tempo, mas não conseguiam voltar, não ainda, aquela água estava tão fresca, não havia uma única nuvem no céu, algo realmente raro e belo, uma boa oportunidade que não poderia ser desperdiçada, poderiam continuar por mais tempo, não havia alguém para notá-los, mesmo que apenas alguns minutos.

A garota, vaidosa e alegre, sorria para o seu reflexo e o distorcia ao perturbar a superfície da água. Tudo era objeto de seu fascínio, desde o mais simples até o mais abstrato, o tédio tornava-se banal

para ela, nunca um obstáculo. Seu acompanhante apenas observava o vento balançar as árvores distantes, sentindo a brisa.

Longe daquele lago, indo ao pomar buscar frutas frescas para comer e para fazer vinho, Theron observou que havia poucos elfos na região, o que era incomum naquele horário, no entanto, já tinha perdido muito tempo em sua cama, apressou o passo e voltou ao caminho de suas obrigações. Podia não ser tão bom arqueiro quanto o irmão, mas entre todos em Varith, ele fazia as melhores e mais saborosas bebidas, eram um deleite para todos que provavam, sem sombra de dúvida. Tudo estava a seu favor, quase nenhum barulho, apenas os pássaros cantavam, e esses eram poucos, mesmo com um pouco de receio pela quietude, continuou seus afazeres e a preparar bebidas, apenas por diversão. Após os vinhos, a segunda bebida mais apreciada eram os licores, estes no entanto não seriam feitos por ele.

Os elfos dispunham de dois tipos de tarefas durante os dias, uma apenas para o crescimento de Varith e o sustento do povo; já a outra para diversão, assim como Theron, produziam bebidas e outros alimentos, também vestes e decorações. Podiam ter perdido a morada, mas não as tradições.

Assim que terminou tudo que fazia, já que não tinha outros para que pudesse auxiliar, resolveu ir até a casa de Irraen, que havia permitido sua entrada. Theron era fascinado por seus livros, onde contada a história de seu povo desde antes da queda de Athrils até os dias atuais, escritos pelo próprio Irraen, que era um pouco mais jovem quando seu povo foi para aquele lugar que agora chamavam de lar. Mesmo já conhecendo todas aquelas histórias, ficava maravilhado, porém não era o único, os olhos de Irraen também brilhavam ao contar para o rapaz sobre Athrils, sobre a riqueza e a beleza daquele lugar, mas lágrimas escorriam dos mesmos olhos ao falar da destruição do reino que tanto amava, assim como o rapaz, também possuía seus fantasmas que nunca iam embora.

Ele nunca aceitou a ideia de que jamais voltaria para a casa em que morava, rever sua família que, entre muitos elfos, também pereceu naquele dia. As grades que o prendiam naquele passado

eram palavras, páginas escritas e descritas, como reforço, as memórias eram os grilhões, uma prisão conivente.

Para alguns poderia significar dor ou perda, as três crianças que ali cresceram, discordavam desse ponto de vista. Aquelas estantes de indelével conhecimento foram o refúgio de outros tempos sombrios. Ali, os irmãos foram consolados, por Irraen e Hael, curando as feridas da saudade, muitas memórias boas construíram-se entre os dias da queda e os tempos atuais.

— Ainda me parece o mesmo lugar. Talvez mais livros ou a madeira envelhecida, fora isso, ainda sinto em casa, e estou, minha segunda casa. Naquele mesmo ano aprendi a ler, na língua dos humanos, mas aprendi — brincava Theron ao trazer lembranças alegres.

Enquanto ambos estavam no conforto da sala repleta de livros, algo ocorria longe dali, um problema que, se não fosse devidamente controlado, poderia ser terrível para os elfos. Baldor se tornou um lugar muito mais selvagem do que antes, a única saída segura era a praia, o mesmo motivo que levou o rei a escolher local tão peculiar quanto aquele. Por tamanho risco, os jovens no lago não ousavam ir mais longe, sabiam dos perigos de ousar.

— Vamos logo, já demoramos muito e está ficando tarde, meu irmão deve estar preocupado — disse Aedan, desejando o oposto.

— Não podemos ficar nem mais cinco minutos? — suplicou Hael, tentando convencer com um amável sorriso.

Aedan sentia a tentação de permanecer mais uns instantes, ficaria se não percebesse algo. O chão começava a vibrar levemente, olhou para trás, esperando movimentação, com medo de ser descoberto.

— Espere! Você ouviu isso? Rápido! Pegue suas coisas! Precisamos sair daqui — disse o elfo ao sair da água, realmente preocupado em ser descoberto.

Sem entender muito, Hael apenas obedeceu, pegou suas coisas e vestiu o calçado. Poucos instantes depois de saírem, puderam

ouvir um enorme alvoroço vindo do bosque, Aedan ouviu gritos de elfos, barulhos de muitos cavalos, mas entre todos um som o preocupou. Um ruído estridente, como não ouvia há anos, desde o ataque de seu irmão.

Os dois correram o máximo que puderam, mas não seria o suficiente, existiam muitas criaturas iguais àquela que haviam visto estavam agora saindo do meio das árvores, eram muito velozes e, logo os alcançariam, seria só uma questão de tempo, o fim de ambos, até que apareceram soldados Élficos, saindo veloz e disparando suas flechas contra todos os monstruosos animais. Aedan e Hael Não ficaram para ver como acabaria, não seria prudente ficar. Em frente aos dois que corriam, após cessar todo o alvoroço, apareceu um cavalo que barrava o caminho, branco adornado com uma malha de prata e uma sela com pequenos enfeites também prateados. A montaria do imponente cavaleiro os fez parar, impedindo que continuassem a fuga já não tão despercebida.

— O que dois elfos tão jovens fazem aqui, tão longe de suas casas?  
— disse Erain, olhando fixamente para os dois, por trás de seu elmo prateado.

Sem dar tempo para que se explicassem, foram obrigados a subir em cavalos, rumo à Varith, para contar de sua pequena batalha, onde também teriam que explicar o real motivo de estarem tão afastados da vila. Para quem conhecia, estava evidente que não era a armadura de Athrils, pois era prateada e sem brasão algum, enquanto a usada no reino caído era negra, com um lobo marcado no peito. Poucas peças do exército ainda existiam ali, agora não se ostentava estandarte algum.

— É muita prata para um só elfo, nem mesmo eu possuo tantas coisas bonitas e prateadas, embora não haja tanta beleza em sua armadura — pensou Hael com desdém, enquanto iam de volta para casa.

Ela estava com medo e não sabia o que diriam aos guardas que os encontraram. Pensou que seria melhor, quando chegassem, combinar com Aedan algo para dizer, já certos de que seriam castigados por se colocarem em tamanho perigo, desta vez mesmo a garota sabia o quanto estavam com problemas.

Quando finalmente estavam em Varith, foram direto até Irraen, que estava ansioso pela volta de todos, junto a Theron que não sabia o que estava acontecendo. Sangue marcava as roupas, armas e cavalos; não era sangue dos elfos, isso estava visível, mas de quem poderia ser? Pouco importava, o foco eram os elfos sem armadura e de rostos conhecidos, rostos que estavam com certo pavor neles.

— Meu jovem, leve meu cavalo para o estábulo e o alimento, enquanto eu e estes dois conversaremos com Irraen — ordenou Erain, olhando fixamente para Aedan e Hael.— E então, como foi sua vitória, meu amigo? — questionou Irraen, com enorme curiosidade, o que não era para menos.

— Não eram tantos como pensamos, mas eram muito fortes e rápidos, alguns acabaram nos surpreendendo, o que nos causou a morte de três bons elfos. Eram como animais, agressivos e estúpidos. Quando começaram a perder, correram para os campos, o que só mostrou que não eram inteligentes, todos foram mortos por nossas flechas. Perto de nosso pequeno conflito, por coincidência encontramos dois pequenos observadores, que sem explicação estavam longe de suas casas, sabendo que não se deve chegar perto da borda — informou Erain, esperando que Irraen tomasse alguma providência.

— Tudo acabou bem no final, mas o que faziam lá? — perguntou o velho, em um tom muito sério, julgando saber o real motivo.

Nessa hora, Theron, que estava ouvindo atrás da porta, entrou, surpreendendo todos ali presentes, andou calmamente até eles e sentou—se, dando a impressão que diria algo relevante.

— Ao sair pela manhã, algo me preocupou, não havia muitos elfos por aqui, apenas alguns, o dia estava de fato estranho. Eu não poderia me ausentar para investigar, mas ao ver marcas de ferradura, desde o estábulo até o fim da vila, corri até meu irmão, que estava na companhia de Hael, pedi a ele para que fizesse isto por mim, Hael deveria acompanhar para que fosse mais seguro. Logo após sua partida, corri até a casa de Irraen para tentar descobrir algo, o que foi em vão. — explicou Theron, pegando uma maçã em cima de uma pequena mesa.

— Então, agora está tudo explicado, conversaremos mais em outra ocasião, Erain. Está na hora de irem para casa, não acham? É bom que descansem depois do susto que levaram hoje — Sugeriu Irraen, olhando desconfiado para Theron.

Talvez ele soubesse que aquela não era a verdade, mas gostava demais do rapaz para desmentí-lo na frente dos outros, então apenas aceitou, sem questionar novamente. A cena presenciada seria o suficiente para que não repetissem o erro, estava muito mais do que exemplificado o perigo que correriam caso tentassem sair outra vez.

Primeiro saíram Hael e Aedan, sussurrando algo que Theron não podia ouvir, mas sabia sobre o que falavam, estava certo de que era sobre tê-los livrado de um enorme problema. Mesmo sem nenhuma consequência, não ficou feliz por mentir, ainda mais para alguém que era tão importante para ele. Sabia o valor da verdade e não achava agradável mentir para quem gostava.

— Da próxima vez tente se livrar sozinho, posso não estar perto para salvar a pele de dois elfos inconsequentes! — Vociferou Theron, olhando para os dois.

Ambos ficaram atônitos com aquilo, não era do seu feitio ser tão rude, mas a aparição numerosa daquelas criaturas assustaram os elfos, também estava preocupado com o irmão, assim como estava com Hael. A última vez que esses animais apareceram lhe deixou graves ferimentos, e desta vez, alguns de seu povo morreram. A preocupação não era exclusivamente sua, ela se abateu sobre todos.

— Ele está certo. Não sei o que poderia ter nos acontecido, poderíamos ter recebido uma punição severa, no mínimo! Essa foi a última vez, não irei mais tão longe. Nós não iremos! —disse Aedan, com vergonha do que havia feito.

Nesse momento, a elfa começou a rir, não levou a sério a advertência do amigo, não naquele tom, o que fez ficar ainda mais aborrecido. Hael poderia até seguir as instruções, mas do seu jeito.

— Achei que Theron era o mal humorado. Não se culpe tanto, afinal, tudo acabou bem. Nosso tempo juntos foi divertido, apesar de... Bem, você sabe. Até mais tarde, quando estiver pensando como você e não como seu irmão — disse hael, entre muitos sorrisos, que acabaram o acalmando.

Aedan sabia que logo teriam que agir, se algo não fosse feito, seu povo pagaria. Não era apenas o ataque daquele dia que o preocupava, seu pensamento ia além, algo estava causando aquilo, mas o que? Ele não sabia dizer. Talvez estivessem em um número muito grande, expandindo a área de caça, difícil dizer ao certo. Permaneceu na varanda de sua casa até escurecer. Quando o irmão chegou, foi direto para falar com ele, esperou todo o dia por aquela conversa. Não sabia ainda como o irmão reagiria depois do último encontro que tiveram, então por um momento parou. Sabia que era preciso, tomou coragem e desceu as escadas, fitando Theron.

— Tempos difíceis se aproximam, esse não foi o primeiro ataque, e não será o último. A frequência tem aumentado e sabemos disso, nosso povo precisa entender, podemos estar reclusos do mundo, mas não estamos protegidos dele. Se amamos esta terra, nosso lar, devemos lutar, pois chegou a hora. Se esperarmos, veremos aquilo que temos perecer. Não se trata de continuar aqui, mas sim de lutar por nossas famílias e amigos. Sei que não está feliz por tudo que aconteceu, contudo, não dá para ignorar, não mais — disse Aedan, no intuito de se reconciliar com o irmão.

— Estava com medo de que chegasse a esse ponto... Lutaremos então, mas não só nós, temos que falar com todos para que se preparem. Amanhã, assim que estiver pronto falarei com Irraen, ele saberá como nos ajudar. Venha irmão, vamos comer por agora e então descansar, o dia teve horas demais — respondeu Theron, indo até a despensa.

Seria uma noite difícil para eles, por muito tempo não conseguiram dormir, suas vidas mudariam assim que levantassem de suas camas. Não paravam de pensar no pai, e no que ele faria se estivesse ali, sabiam que ele agiria com sabedoria e eficácia, facilmente resolveria tudo. Depois de longas e intermináveis horas, o sono venceu os jovens, fazendo-os dormir. Pela primeira

vez em muito tempo, Theron não sonhou com o monstro ou outro pesadelo, mas com sua chegada, seu tempo com Hael até adormecer.

## Antes do cerco

Assim que acordou, viu que o irmão novamente não estava lá, imaginou que estaria com Hael, sentiu-se sozinho, mas sabia que tinha um dever a cumprir. Ao levantar, antes de tudo, foi até um baú no canto de seu quarto, era grande e velho, mas seu conteúdo possuía grande valor. Ao abrir, a única coisa que tirou foi uma espada, era muito leve, sua empunhadura era marrom, com um pomo de aço, nele havia a gravura de um lobo levemente escurecida em seu entalhe, devido ao tempo e à falta de uso. Aquela espada pertencia ao seu pai, antes que partisse para longe. Prendeu a bainha em sua cintura, criando coragem, abriu a porta. Realmente estava diferente, ao sair pela porta, parecia ter um porte de guerreiro, não apenas pela espada, mas pela maneira como agia, parecia um poderoso cavaleiro, indo para alguma guerra memorável, então se foi.

Enquanto Theron se preparava, seu irmão andava ao lado de Hael perto do pomar, não falavam muito, apenas pararam por ali, se olharam intensamente por alguns instantes, Aedan quase podia saber o que ela estava pensando. Por algum motivo, se perdeu em pensamentos, alguns bons, outros não, até que lembrou a conversa com o irmão, teria que falar com todos sobre a segurança, deveriam se proteger, começaria com aquela que o fazia companhia.

— Hael, você sabe que não estamos seguros, meu irmão e eu... Bem, nós decidimos que é melhor todos estarem prontos para o que está por vir. Voltarei a praticar com meu arco, gostaria que você viesse treinar comigo. Além disso, lhe trouxe um presente, é uma adaga de Athrils, usada por meu avô, ela salvou sua vida muitas vezes, até onde Irraen nos contou ou escreveu. Espero que te sirva tão bem quanto serviu a ele — explicou Aedan, entregando a adaga para a amiga.

Tinha consciência de que chegaria a hora de usá-la, talvez antes que estivessem prontos, como ela nunca pegou uma espada, seria melhor para a amiga algo de menor peso. A animação era visível em seu rosto, não pela arma ou por sua importância, apenas por ser um objeto muito bem feito e de extrema beleza.

— Eu aceito! Espero não precisar usar, não tenho vontade de tirar uma vida, mas se for necessário para proteger a minha, farei o que puder. Sobre treinarmos juntos, não poderia haver maneira melhor para fazermos isso, será muito mais agradável permanecer em sua companhia do que treinar junto aos outros — disse a elfa, com seu habitual sorriso, aquele que convencia Aedan a fazer tudo.

Theron passou muito tempo procurando Irraen, após uma longa procura, o encontrou junto de Erain, o que de fato facilitou um pouco, pois seria bom que os dois ouvissem sobre o assunto. Ao ver o rapaz, ambos não o viram como um jovem, mas como um elfo mais velho de outras eras. Naquele tempo poucos usavam armas ou andavam com aquela expressão. Podia ser até irônico, afinal o garoto era apenas metade elfo e, ainda assim, se via nele o seu povo muito mais do que na maioria.

— Aonde irá desta maneira? Não diga que agora seguirá os mesmos passos de seu pai, isso não permitirei. Espero que não pretenda nada tolo, meu jovem — advertiu o velho, sem entender o que ali estava acontecendo.

— Não se preocupe, não abandonarei minha casa em tempos assim nem lutarei sozinho, contudo, não sei ainda se farei tolice, venho para tratar de um assunto que cabe a todos que aqui moram. Não somos muitos, assim, precisaremos de todos durante o próximo ataque. Gostaria de pedir para que falasse com todos, pedisse que se preparassem, sei que vocês perceberam também, mas precisaremos de mais que antes, só assim teremos chance. Devemos estar preparados, assim como eu e meu irmão. Pensará a respeito? — pediu ele, esperando que sua proposta fosse aceita.

Irraen o chamou para se sentar com eles. Theron estava tenso, sabia que ele ainda estava pensando se valeria a pena considerar a ideia do rapaz. Ali havia paz, e se fizesse o que era pedido, ela